

**Estudos sobre o Tempo: 1)  
O Tempo no Cinema ou o  
Tempo do Cinema; 2)  
Tempo e História: a  
Variável Inconstante**

*1) Maria Dora Mourão; 2) Raquel Glezer*



## Apresentação

A dimensão temporal dos fenômenos constitui-se em preocupação filosófica, metodológica e experimental para diversas áreas do conhecimento, tanto no campo das artes e das ciências humanas, quanto no das ciências exatas e naturais. Pode ser analisada do ponto de vista de sua generalidade, enquanto dimensão da natureza, através de questões de ordem filosófica sobre a sua essência. Pode, por outro lado, discutir as diferentes apropriações do tempo realizadas por diversas disciplinas, através de questões sobre como o tempo é incorporado e tratado pelas diversas áreas do conhecimento humano.

A proposta de abordagem interdisciplinar para discutir estas e outras questões sobre a questão do tempo levou à constituição, em fevereiro de 1989, do GET - Grupo de Estudos sobre o Tempo, ligado ao Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.

Desde então este Grupo de Estudos tem se reunido sistematicamente na sede do IEA/USP para seminários e debates sobre diversos aspectos da questão do tempo nas diversas disciplinas, sempre com uma perspectiva de interação interdisciplinar. Organizou também diversas mesas-redondas e conferências públicas, dentro e fora da USP.

Um dos resultados do trabalho deste grupo está agora em suas mãos. Temos a grata satisfação de iniciar a publicação de documentos produzidos pelo GET através desta série especial da Coleção Documentos do IEA. Pretendemos com isto apresentar ao público a transcrição das diversas mesas-redondas, conferências, simpósios e debates internos que o GET tem organizado e participado em diversas instâncias.

Nelson Marques e Luiz Menna-Barreto  
coordenadores do Grupo  
de Estudos sobre o Tempo - IEA/USP

## GRUPO DE ESTUDOS SOBRE O TEMPO DO INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA USP

Por ocasião do planejamento do X ENCONTRO DE HISTÓRIA 'MOVIMENTOS SOCIAIS' do Núcleo São Paulo da Associação Nacional dos Professores Universitários de História - ANPUH foi proposto e aceito que o GRUPO DE ESTUDOS SOBRE O TEMPO participasse de uma sessão de comunicação de pesquisa.

A finalidade da participação do GET no X ENCONTRO DE HISTÓRIA foi múltipla: tanto se buscou apresentar o GET à comunidade dos historiadores, que têm como preocupação conceitual básica o Tempo, como se apresentou de forma concreta uma atividade interdisciplinar, tentando contatos com outros grupos com preocupações semelhantes.

Na oportunidade, participaram, como representantes do GET, Nelson Marques, um dos coordenadores do Grupo, Maria Dora Mourão, da ECA/USP e Raquel Glezer, da FFLCH/USP.

A apresentação pública foi baseada nos textos que se seguem, e houve um debate posterior com o público presente.

## GRUPO DE ESTUDOS SOBRE O TEMPO (GET) DO INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA USP: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR

NELSON MARQUES<sup>1</sup> &

LUIZ MENNA-BARRETO<sup>2</sup>

De março a julho de 1988 um grupo de professores da USP, UNICAMP e Escola Paulista de Medicina se reuniu sistematicamente no Instituto de Ciências Biomédicas desta Universidade, visando a formação de um grupo de estudos sobre a questão do tempo. Este grupo de trabalho, de caráter multidisciplinar, tinha como proposta a abordagem do tempo como elemento integrador na análise, no estudo e na visão de diferentes áreas do conhecimento.

Durante aquele período de trabalho tentamos uma caracterização inicial do tratamento dado à questão do tempo pelas diferentes áreas do conhecimento. A viabilidade da proposta foi testada através de debates orientados por contribuições de membros do grupo e de parti

<sup>1</sup> Dep. Clínica Médica-IM/USP; Grupo Multidisciplinar de Desenvolvimento e Ritmos Biológicos, Coordenador do Grupo de Estudos Sobre o Tempo

<sup>2</sup> Dep. Fisiologia e Biofísica-ICB/USP; Grupo Multidisciplinar de Desenvolvimento e Ritmos Biológicos, Coordenador do Grupo de Estudos Sobre o Tempo

cipantes eventuais. A discussão interdisciplinar permitiu efetivar a troca e a incorporação de conceitos particulares de cada disciplina. A análise teórica do tempo levou a discussões candentes sobre o modo de apropriação e uso do mesmo na física, na música, no cinema, na psicologia, na biologia, na antropologia e na astronomia, com um saldo altamente positivo.

A dimensão temporal dos fenômenos constitui-se hoje em preocupação para diversas áreas do conhecimento, tanto no campo da filosofia, letras e artes como no campo das ciências biológicas e exatas.

Esta dimensão temporal pode ser analisada do ponto de vista de sua generalidade, enquanto dimensão da natureza, através de questões de ordem filosófica sobre a essência do tempo. Podemos, além disso, discutir as diferentes apropriações do tempo realizadas pelas diversas disciplinas, através de questões sobre como o tempo é tratado por cada área do conhecimento. Na realidade, as duas questões são complementares, na medida em que cada apropriação particular remete-se explicita ou implicitamente, a uma concepção de tempo enquanto generalidade.

Diferentes culturas podem ter concepções distintas do tempo, como por exemplo, as concepções linear e cíclica das diferentes culturas do mundo ocidental e do mundo oriental. Parece plausível supor que essas diferentes concepções de expressem em formas distintas de apropriação social do tempo na arte ou na ciência, por exemplo.

A dimensão temporal é um elemento importante na criação artística - na música e no cinema essa dimensão parece ser decisiva. Através do "projeto temporal" contido numa obra de arte talvez se possa desvendar aspectos inéditos dessa obra e enriquecer nossa compreensão tanto do fenômeno artístico quanto do conceito de tempo. Da mesma maneira, e como parte desse processo, insere-se o estudo dos mecanismos de percepção temporal, já nos domínios da psicologia e biologia. Nesses domínios a distribuição temporal dos eventos pode ser fator determinante da percepção resultante, como também a ordem temporal pode conferir significado aos eventos.

No campo da biologia há um debate atual sobre a organização temporal da matéria viva, debate que tem origem na constatação de fenômenos ligados à ritmicidade biológica e demonstração de existência e modo de funcionamento de relógios biológicos e que assume a denominação de cronobiologia.

Os exemplos acima ilustram a atualidade de preocupação com a dimensão temporal em diversas disciplinas - esses exemplos refletem de maneira parcial e sintética algumas das discussões realizadas por este grupo interdisciplinar.

O saldo das discussões iniciais levou o grupo a propor sua vinculação ao IEA/USP. O Grupo de Estudos sobre o Tempo (GET) foi aprovado pelo Conselho Diretor do Instituto de Estudos Avançados da Universidade

de São Paulo em fins de 1988. A partir de fevereiro de 1989 o GET tem se reunido quinzenalmente na sede do IEA para seminários e debates sobre a questão do tempo.

O Grupo de Estudos sobre o Tempo do IEA/USP tem organizado a apresentação de seminários e palestras de cunho interno ao grupo, bem como conferências e mesas-redondas, como atividades visando a um público externo.

Essas atividades, dentro de uma perspectiva interdisciplinar, têm sido o material básico para as discussões entre os membros do grupo e servem de base para a elaboração de documentos dos trabalhos deste Grupo de Estudos. Os seguintes temas foram selecionados para serem apresentados durante o ano de 1989 na forma de conferências e/ou mesas-redondas: 1. O Tempo em Diferentes Culturas; 2. O Tempo na Filosofia e na História; 3. O Tempo nas Artes; 4. O Tempo nas Ciências Naturais; 5. O Tempo na Poesia e Literatura; 6. O Tempo na Psicologia; 7. O Tempo na Comunicação Social.<sup>3</sup>

A primeira atividade pública do GET aconteceu no mês de abril de 1989: a primeira mesa-redonda 'O Tempo em Diferentes Culturas' foi realizada no auditório de cinema da Escola de Comunicações e Artes no dia 24 de abril, com a participação dos professores Gustavo Correa Pinto da PUC/São Paulo, com o tema 'O Tempo nas Culturas Orientais', Jaa Torrano e Mary Lafer, ambos da FFLCH/USP, com o tema 'O Tempo na Cultura Helênica'. Estava previsto também a apresentação do tema 'O Tempo nas Culturas Nativas' pelo professor Guilherme Ruben da UNICAMP, que infelizmente não pode comparecer. O tema, no entanto, foi abordado pelo professor Marcio D'Olne Campos, do Instituto de Física da UNICAMP, que exerceu o papel de coordenador desta primeira mesa-redonda.

A segunda mesa-redonda, com o tema 'O Tempo na Filosofia e na História', foi coordenada pela professora Maria Helena Augusto da FFLCH e foi realizada no dia 29 de maio de 1989, no auditório de cinema da Escola de Comunicações e Artes /USP. Teve a participação dos professores José Carlos Bruni da FFLCH com o tema 'O Tempo na Filosofia', Raquel Glezer da FFLCH com o tema 'O Tempo na História' e Milton Santos, também da FFLCH com o tema 'O Tempo na Cidade'.

A terceira mesa-redonda, com o tema 'O Tempo nas Artes', foi realizada no dia 19 de junho de 1989 no mesmo local e teve a coordenação da professora Maria Dora Mourão da ECA/USP. Os temas apresentados foram 'O Tempo nas Artes Plásticas' com Ana Mae Barbosa, MAC/USP e 'O Tempo no Cinema' com Ismail Xavier, ECA/USP. Os outros temas programados, 'O Tempo na Música' com Paulo Herculano, ECA/USP e 'O Tempo na Dança', com Marília Andrade, da UNICAMP, infelizmente por motivos alheios à nossa vontade não puderam ser apresentados.

<sup>3</sup> MARQUES, Nelson e MENNA-BARRETO, Luiz. Grupo de estudos sobre o Tempo. Estudos Avançados, IEA/USP, São Paulo, 4(8):209-210, jan./abr. 1990.

A quarta mesa-redonda 'O Tempo nas Ciências Naturais e Exatas' foi realizada no dia 28 de agosto de 1989, no auditório de cinema da Escola de Comunicações e Artes/USP, com a coordenação do professor Luiz B. F. Clauzet do IAG/USP, e, os temas apresentados foram: 'O Tempo na Astronomia' por José Antonio de Freitas Pacheco do IAG/USP, 'O Tempo na Matemática' por Francisco Miraglia, IME/USP, e, 'O Tempo na Biologia', por Erasmo Garcia Mendes, IB/USP.

A quinta mesa-redonda teve o tema 'O Tempo na Literatura', foi realizada no dia 25 de setembro no mesmo local e horário das anteriores, com a coordenação da professora Raquel Glezer, da FFLCH e participação dos professores Antonio Medina Rodrigues, Bóris Schnaiderman e João Alexandre Barbosa, todos da FFLCH/USP.

O sexto tema programado para apresentação ainda em 1989 foi 'O Tempo na Psicologia' apresentado sob forma de conferência, realizada no dia 23 de outubro, também no auditório de cinema da Escola de Comunicações e Artes/USP, com apresentação da professora Ronilda Ribeiro Salami do IP/USP e a participação como conferencista da professora Vera Stella Telles do Instituto de Psicologia da USP.

A última atividade pública promovida pelo GET e programada para o segundo semestre seria a realização da mesa-redonda com o tema 'O Tempo na Comunicação Social'. Esta apresentação, no entanto, foi adiada para o ano de 1990 e fará parte de um novo ciclo de apresentações públicas que está em fase final de organização.

Todas as atividades programadas pelo GET tem como complemento e norma de trabalho a realização de reuniões específicas para fazer uma avaliação adequada de cada uma das atividades. No presente momento, as apresentações efetuadas nas diversas mesas-redondas e conferências estão em fase final de edição para publicação na Coleção 'Documentos' do IEA/USP.

Os interessados em informações sobre as atividades e publicações do GET devem entrar em contato com a secretaria do IEA/USP.

## O TEMPO NO CINEMA OU O TEMPO DO CINEMA

MARIA DORA MOURÃO<sup>4</sup>

Discutir a questão do conceito tempo relacionado à arte cinematográfica é uma tarefa difícil uma vez que a questão temporal, junto com a espacial, é uma das características determinantes dos filmes e, dessa maneira, da arte cinematográfica.

Desde os filmes dos 1º tempos, onde o cinema se estruturava basicamente a partir de um único plano, o deslocamento temporal da ação imprimia à expressão cinematográfica um dado de linguagem fundamental para o surgimento dessa nova arte.

O tempo cinematográfico se constrói de maneira extremamente complexa, podemos dizer que há três linhas temporais no cinema: uma delas é dada pela ação propriamente dita do filme, a outra pelo tempo vivido pelo espectador a partir de sua relação com o filme, e uma terceira que vem a ser o tempo físico da projeção (24 fotogramas por segundo), através do qual o espectador será envolvido por uma ilusão de movimento no nível da percepção, uma vez que a passagem de um fotograma fixo a outro através da projeção não causará nenhuma dificuldade psicológica ao espectador por se tratar de um movimento contínuo e simples.

Nos deteremos nas duas primeiras linhas, uma vez que a questão do tempo de projeção se confunde com o tempo do espectador na plateia, pois ele depende da ilusão de continuidade que a projeção determina para interagir com o filme.

No que corresponde a ação propriamente dita, nos deparamos com a capacidade da linguagem cinematográfica representar indiretamente o tempo 'real', uma vez que o cinema trabalha em cima de imagens passadas que são atualizadas através do material fílmico (celulóide); ou seja, o filme nos apresenta no momento presente (em relação ao espectador) imagens geradas em um passado, remoto ou próximo, mas sempre passado. Assim temos uma justaposição, possível do ponto de vista da temporalidade fílmica: o presente que conserva em si o passado e que, de uma certa maneira, nos remete a um futuro. As diferenças temporais que possam existir serão maquiadas pela continuidade temporal resultante do que podemos chamar de uma montagem invisível, situada na passagem de fotograma a fotograma e, às vezes, de plano a plano, principalmente naquelas em que as paradas de câmera efetuadas para operar substituições nos dá essa ilusão de continuidade temporal.

---

<sup>4</sup> Dep. de Cinema-ECA/USP, membro do Grupo de estudos sobre o Tempo-IEA/USP

Por outro lado, o processo de formação das imagens no cinema ocorre a partir da condensação que surge entre a representação de uma figura e o seu significado temporal, resultante de um processo de montagem que determinará a significação. Assim, os elementos deixam de existir isoladamente, passando a ter uma representação particular no tema geral. Essa justaposição torna perceptível o conjunto. Esse todo será a imagem na qual o autor viverá o tema que será recebido pela sensibilidade e inteligência do espectador.

Para S. M. Eisenstein, teórico do cinema, a imagem está baseada numa estrutura dialética. Para se chegar ao requisito de uma imagem, qualquer que ela seja (sonora ou plástica), há uma única lei verdadeira: "A parte penetra na consciência e na sensibilidade por intermédio do todo, e o todo por intermédio da imagem".

Usando como exemplo um relógio, do ponto de vista de sua figura geométrica (representação) e do seu significado temporal (imagem), Eisenstein se perguntará como ocorrerá o processo que unirá a representação com a imagem. "Uma determinada configuração sobre a esfera de um relógio provoca uma enormidade de representações associadas com a hora que corresponde à configuração determinante. Suponhamos, por exemplo, que a figura dada seja o número 5. Nossa imaginação está educada para responder a esse número trazendo à mente cenas que possam ocorrer a essa hora. Talvez a hora do chá, o fim de um dia de trabalho, o começo da movimentação no metrô, talvez as lojas se fechando, ou a luz característica do entardecer... Em qualquer caso, lembramos automaticamente uma série de cenas (representações) do que acontece às 5 horas da tarde".

A função do número 5 com as representações formadas a partir desse número, faz com que desapareçam elementos intermediários que não vão interessar, produzindo-se assim, uma condensação que nos faz chegar a uma percepção instantânea do número e da hora correspondente. Portanto, a conexão entre a representação e a imagem que ela evoca é que vai nos levar ao processo de condensação e, conseqüentemente, à conscientização de seu significado.

A organização de todos esses elementos em nossa consciência é feita por um refinado processo de montagem.

O termo condensação está sendo entendido aqui à maneira de Freud, ou seja, como duas representações justapostas.

O tempo cinematográfico é necessariamente uma representação indireta porque ele é o resultado de montagem que articula as imagens. Essa articulação pode se dar por alternâncias, conflitos, resoluções contínuas e descontínuas, enfim, por toda uma atividade de seleção e de ordenação que dá ao tempo imagético uma determinada consistência em função da necessidade da narrativa.

Temos ainda que o filme produz uma ilusão de 'continuidade' ao aproximar ações que podem estar se dando em espaços e tempos diferentes através do corte. Dessa maneira, a montagem está objetivando o



verossímil, através de uma representação dessa continuidade no espaço e no tempo narrativo.

No entanto, o princípio da continuidade nem sempre foi obedecido na história do cinema, como por exemplo, com Jean Luc Godard, notadamente em seu filme 'Made in U.S.A', onde faz surgir a noção de montagem-colagem, na qual o elemento manifesto não será mais que um fragmento. Esta colagem descontínua manipulará o referente de forma a mostrá-lo como uma armadilha. Assim, une duas partes descontínuas de uma ação contínua sem mudar a posição da câmera. Não se preocupa em conciliar os planos, corta abruptamente de um para outro sem fazer concessões de continuidade. Esta posição não invalida o sentido conciliador que é determinado, de qualquer modo, pela concatenação de planos, isto é, pela criação de um verossímil mais profundo. Isto porque no interior do plano cinematográfico instaura-se um movimento (montagem interna) que pode ser considerado como uma célula do tempo que, posteriormente, através da representação dialética parte/todo, será articulada e outras células através da montagem inter-planos. Essa temporalidade é inerente ao plano, uma vez que ele detém um movimento não somente por sua duração mas, também, pelo recorte que ele faz de uma ação dita 'real', que é transportada, para a imagem fílmica.

É nesse jogo temporal instaurado no espaço do filme através da montagem, que encontramos o eixo central da discussão do tempo no cinema.

E é, ainda, esse jogo temporal que o espectador deve acompanhar de maneira que seu tempo de sujeito receptor se situe em paralelo ao tempo do filme para que, dessa maneira, ele possa se projetar e até interagir com o tempo cinematográfico. O espectador deve assumir uma posição em relação ao filme e, ao assumir essa posição, ele passa a ter um ponto de vista que lhe permite apreender o significado não como algo que lhe é dado, senão como algo a que ele chega.

Atingier a emoção do espectador nos parece ser um dos objetivos fundamentais do cinema, no entanto, é importante salientar, que as emoções são usadas no sentido de fazer com que o espectador se integre na ação, passando a fazer parte dela para poder vivenciar e discutir os problemas. Não se trata de catarse, que faz com que o espectador perca a racionalidade e seja hipnotizado pela obra, mas sim de uma integração entre a obra e o espectador, a partir da articulação de planos trabalhados de acordo com a intenção do autor, que criarão novos sentidos com os quais o espectador poderá se identificar ou se distanciar.

Do ponto de vista da psicologia da percepção, a fragmentação dos componentes da imagem terá sempre, na sua estrutura básica, a figura como um todo. Assim, as partes representadas estarão ligadas ao todo a nível da percepção do espectador, em função do reconhecimento que ele fará da figura a partir das imagens já arquivadas em sua memória.

Anton Ehrenzweig, em seu Psicanálise da percepção artística, ao discutir que a assimilação do ser humano de partes de uma figura é garantida pela 'constância de localização', explicará o seguinte: "O olho perscruta automaticamente um objeto e, em uma fração de segundo, sua forma total emerge na consciência. Mas não seria essa forma necessariamente uma combinação de diversas olhadelas divergentes, nenhuma das quais conteria uma imagem inteira?"

Vamos descrever esse processo de oscilação em câmera lenta. Olhando a figura de um homem, o olho pode circular por seu rosto, ombros, cotovelo, joelhos, pés, etc., mas, seja na sequência temporal que for, podemos observar os detalhes da forma, e por mais erraticamente que nossos olhos possam pular de um ponto para o outro, trazendo para seu foco visões amplamente separadas, as olhadelas seccionais se encaixarão sempre no mesmo composto coerente e estável, com as seções que não são na verdade vistas, completadas por nossa memória. A estabilidade do composto se deve principalmente ao trabalho da 'constância de localização', que assegura a localização estável (constante) das visões parciais dentro da forma inteira. Nossa memória ou, se preciso for, nossa imaginação completará as partes que faltam por não terem sido prolongadamente visualizadas, de modo a emergir um composto devidamente correto e completo na percepção consciente da coisa."

No caso do cinema, essa decomposição da imagem através de planos próximos e de detalhes, terá sempre como referencial um plano geral onde, mesmo rapidamente, o espectador possa identificar o todo da imagem e assim compreender melhor a ação.

Dessa maneira, o cinema é uma arte no limite entre o espaço e o tempo.

## TEMPO &amp; HISTÓRIA: A VARIÁVEL INCONSTANTE

RAQUEL GLEZER<sup>5</sup>

"C'est dans le temps que se déroule la vie de l'homme, c'est dans le temps que se succèdent les événements et les modes de pensée dont le ensemble constitue l'histoire du monde, c'est à travers le temps que l'homme écrit l'histoire".<sup>6</sup>

Este texto é uma parte da reflexão sobre o Tempo na História como elemento de ruptura e significação, discussão do ano em curso do Grupo de estudos sobre o Tempo do IEA/USP.

Falar sobre o Tempo e História é ato de retomada de algumas questões básicas de reflexão sobre o conhecimento histórico, tal como se tem concretizado em termos de Epistemologia e Teoria da História.

O que significa Tempo para a História? A resposta clássica é que o Tempo é uma das variáveis obrigatórias, ao lado de Espaço. Truísmo consolidado, repetido mecanicamente no decorrer dos anos. A ninguém ocorre questionar a origem das variáveis, percebidas como evidentes em si mesmas, verdade dada e inquestionável, tornando desnecessária a preocupação com o significado delas e as suas relações com o conhecimento histórico.

Quando retraçamos a relação da História com o Tempo, temos a oportunidade de verificar que a questão é complexa, envolvendo facetas multiformes.

Tempo, para a História, além de ser uma variável obrigatória, é, fundamentalmente, uma questão teórica.

O surgimento da História como campo de conhecimento, apreensão da realidade, com teorias, métodos e técnicas de trabalho, tornou-se possível com a separação do pensamento filosófico da Filosofia Cristã de História. Quando a História deixou de ser a História da Humanidade (História Universal, isto é, Católica), distinguindo-se da Filosofia, o processo de conhecimento histórico pode definir seu objeto: o estudo da ação dos homens, a relação dos homens com a natureza, a relação dos homens entre si.

Na separação, a História manteve o conceito de Tempo cristão, que se era, até então, sacro, escatológico, passou a ser laico, mas

5 Dep. História - FFLCH/USP, membro do Grupo de estudos sobre o Tempo

6 CORDOLIANI, A. *Comput, chronologie, calendriers*. In: SAMARAN, Ch. (org.) *L'histoire et ses méthodes*. (bruges) Gallimard (1961), p. 31-51.

manteve a finalidade, qualquer que fosse o nome atribuído a ela: Salvação pelo Juízo Final foi substituída por Liberdade, Razão, Progresso, Evolução, Revolução etc.

A noção de Tempo, apesar de laicizado, continuou sendo o do Tempo cristão: passado, presente e futuro. Ocorreu apenas uma permuta de significados: Criação e Queda da Humanidade transformaram-se em Passado; Oferta da Salvação em Presente e Juízo Final em Futuro.

Tempo deixou de ser a expressão da Providência Divina e tornou-se expressão da vontade dos homens, direcionado por eles. Esse Tempo transformou-se em absoluto.

Para a História, Tempo acabou sendo utilizado como fator básico, elemento de união, fator explicativo, coordenador do passado dos homens, que não estando mais inseridos na caminhada para a Salvação, estavam imersos no Tempo, no caminhar dos homens em direção ao Futuro, qualquer que fosse o nome dado a ele.

Tempo permitiu aos historiadores estabelecer relações entre sociedades com diferentes formas de contagem, diversos calendários, marcos desconexos. Surgiu a Cronologia, como ciência auxiliar, que permitiu a formulação de tabelas cronológicas, relacionando calendários diversos, com marcos temporais próprios, e, possibilitando a articulação entre elas e os fatos aparentemente isolados.

Tempo tornou-se a explicação causal, primária, elementar: fatos eram agregados por proximidades cronológicas, e isso bastava para a inserção e explicitação mútuas.

Com o progressivo desenvolvimento do conhecimento histórico, a questão temporal transformou-se em recurso técnico, classificatório. Estudaram-se as periodizações, que também tinham vindo da História Universal, contendo impérios, idades, eras. A crescente especialização do conhecimento introduziu marcos, recortes temporais, etapas, para melhor manejar e explicar o conjunto sempre ampliado dos documentos. Simultaneamente, a cada escolha de marcos temporais significativos, cada sociedade reestruturava seu passado e construía sua teia de significações.

A percepção de tempo como elemento articulador acabou transformando-o em pano de fundo, cenário imutável, a disposição do historiador como elemento explicativo. Não havia o que falar ou discutir sobre o Tempo.

A introjeção do Tempo como fator explicativo em si mesmo pode ser acompanhada pela leitura atenta dos manuais de introdução aos estudos históricos, que do século passado a este servem de apresentação do estado consensual do conhecimento histórico aos iniciantes.

No clássico Langlois & Seignobos<sup>7</sup> encontramos o Tempo como categoria classificatória de documentos e depois dos fatos.

7 LANGLOIS, Ch. V. & SEIGNOBOS, Ch. Introdução aos estudos históricos. São Paulo: Renascença, 1946, p. 74 e 172. (1ª ed. 1898).

No livro de Bauer<sup>8</sup> aparece claramente a separação da utilização do fator Tempo em dois momentos diferenciados: um, na periodização, e, outro, na Cronologia, como ciência auxiliar.

A questão do Tempo não é assunto tratado nos manuais, e nem nos livros de Teoria da História. Tempo aparece como um dado apenas.

Somente na década de '50, Fernand Braudel introduziu o debate sobre a longa duração, e logo as temporalidades braudelianas foram introduzidas, utilizadas normalmente, e se transformaram em recurso classificatório de fenômenos de difícil articulação em um Tempo pensado como uniforme e contínuo.<sup>9</sup>

Nos textos dos mais recentes manuais discute-se formas de contagem de tempo e como os historiadores o submetem a seu processo explicativo<sup>10</sup>, ou como os conceitos relacionados a questão temporal se desenvolveram, como calendário; passado/presente; idades míticas; antigo/moderno; escatologia e decadência<sup>11</sup>.

Como o tema do Tempo não é objeto de atenção nos livros que, em tese, deveriam estar centrados na discussão do conhecimento histórico, seu desenvolvimento, sua prática e seus problemas, não devemos estranhar que a grande parte dos historiadores contemporâneos utilize o termo Tempo como sinônimo de época, era, idade, momento, ideologia e História.<sup>12</sup>

A utilização indiscriminada do termo indica que o conceito é pouco claro para os historiadores e, em razão disso, é usado como elemento articulador, fator explicativo em si mesmo.

Se o conceito é pouco claro aos especialistas, como então deve se apresentar ao público leitor?

Aos leigos, a questão temporal é completamente elidida. O Tempo é sempre apresentado como contínuo, linear, eixo articulador onde os fatos (notáveis, estranhos, exóticos ou do cotidiano) se inserem.

Aos historiadores é desnecessário lembrar que o seu trabalho é estruturado sobre resíduos aleatórios do passado, aos quais se agregam solicitações contemporâneas, preocupações sociais, técnicas e recursos existentes.

8 BAUER, Wilhelm. Introducción al estudio de la historia. Barcelona: Bosch (1970). (1ª ed. 1921).

9 BRAUDEL, Fernand. A longa duração. In: - História e Ciências Sociais. (Lisboa) Presença, 1972. (1ª ed. 1958).

10 CORDOLIANI, A. op. cit., e, BEAUJOUAN, G. Les temps historiques, op. cit, p. 51-67.

11 LE GOFF, J.(org.). Memória-história. Enciclopédia Einaudi, v. 01. (Lisboa) Imprensa Nacional-Casa da Moeda (1984), ver p. 260, 293, 311, 370, 393 e 425.

12 Ver, entre outros, BAGU, Sergio. Tiempo, realidad social y conocimiento; VILAR, P. El tiempo del Quijote; TOULMIN, S. y GOODFIELD, J. El descubrimiento del tiempo; também LE GOFF, FOUCAULT, THOMPSON, TAYLOR, CHESNEAUX etc .

Ao público leitor tudo isto é escamoteado. E contribui para sua ilusão a forma como historiadores referem-se ao Tempo, como 'O Tempo do Quixote' de Vilar, ou, 'O Tempo das Catedrais', de DUBY.

Os historiadores permutam o uso dos termos História e Tempo, sem o menor aviso ao leitor, de forma preocupante. Como exemplo de permutação, podemos usar duas obras. Uma delas é o ensaio de Halevy, Essai sur l'accélération de l'histoire, escrito na década de '40, cujo tema central é o da aceleração temporal dos fatos históricos<sup>13</sup>. Outra, de recente tradução em português, em sua segunda edição, é o conjunto de ensaios de Philippe Ariès, denominado O tempo da História, que versa sobre sua trajetória pessoal como historiador.<sup>14</sup>

Se especialistas renomados utilizam de forma indiferenciada Tempo e História, como pode o público leitor se orientar?

Não devemos estranhar que na linguagem diária Tempo e História continuem a ser utilizados como sinônimos, termos equivalentes, e também não devemos reclamar quando ao Tempo é dada a função primordial de explicação do que ocorreu. Não podemos nos queixar da a-historicidade da sociedade contemporânea, pois ela se vê imersa no Tempo, sinônimo de História.

Falta a nós, historiadores, a retomada da questão do Tempo, que não pode ficar restrita a questões teórico-ideológicas, como o debate sobre as periodizações europocêntricas ou etapistas<sup>15</sup>, ou, ao debate sobre a seleção dos marcos temporais simbólicos sociais, dos vencedores e dos vencidos<sup>16</sup>.

Enquanto historiadores utilizarem Tempo e História como sinônimos, a variável Tempo não poderá ter seu conceito esclarecido. E ao público leitor, restará a incompreensão do termo, e, a certeza de que o Tempo é o grande solucionador dos problemas que o ser humano se colocou em sua caminhada, e, ao Tempo, como um deus 'ex-machina' caberá resolver todos os problemas que os homens não conseguiram solucionar.

E em uma estranha trajetória, dois séculos e meio depois dos historiadores terem laicizado seu saber, a sacralização retornará, via sacralização do Tempo como solucionador dos problemas humanos. E novamente, passado/presente/futuro será sacralizado, e aos homens restará apenas aguardar seu destino.

13 HALEVY, Daniel. Essai sur l'accélération de l'histoire. Paris: Ed. Self, 1948. (2ª ed.)

14 ARIÈS, Philippe. O tempo da história. (Rio de Janeiro) Francisco Alves (1989).

15 Vide CHESNEUAX, J. Hacemos tabla rasa del pasado? Madrid: Siglo Veintiuno ed. (1984), (1ª ed. 1976), e FERRO, Marc. A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação. São Paulo: IBRASA (1983), e, idem. A história vigiada. São Paulo: Martins Fontes (1989).

16 Vide VESENTINI, C.A. e DE DECCA, E. A revolução do vencedor. Contraponto, Rio de Janeiro, 1976; DE DECCA, E. O silêncio dos vencidos. (São Paulo) Brasiliense, 1981, e BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. (São Paulo) Brasiliense, 1985, 1987, 1989.

Universidade de São Paulo

Reitor: Flávio Fava de Moraes

Vice-Reitor: Ruy Laurenti

Instituto de Estudos Avançados

Conselho Deliberativo

Jacques Marcovitch – diretor

Alfredo Bosi

Gerhard Malnic

João Evangelista Steiner

Myrian Matsuo

Umberto G. Cordani

Walter Colli